

**AMBIENTE** Projeto piloto investe em quilombo no Vale do Ribeira, São Paulo, onde vivem 82 famílias descendentes de escravos

# Mata atlântica ganha investimento do G-7

**RICARDO BONALUME NETO**

ENVIADO ESPECIAL AO VALE DO RIBEIRA

Três pesquisadores estrangeiros do grupo que monitora o financiamento de projetos ambientais no Brasil pelo G-7 (os sete países mais ricos) começaram na última quarta-feira uma visita à mata atlântica no Vale do Ribeira, no sul do Estado de São Paulo.

O Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do

Brasil —conhecido pela sigla PPG-7— financia projetos de comunidades organizadas, ONGs ou empresas voltados para a proteção das florestas tropicais e o seu desenvolvimento sustentável. O programa já completou cinco anos de funcionamento, com recursos de US\$ 330 milhões emprestados a fundo perdido pelos países do G-7.

Para se candidatar a verbas do programa, os projetos precisam

ser socialmente justos, economicamente viáveis e ambientalmente seguros. O PPG-7 surgiu a partir da Eco-92, convenção mundial sobre ambiente e desenvolvimento sustentável realizada no Rio.

O grosso dos recursos tem sido destinados à Amazônia. Mas agora a mata atlântica também começa a receber verba.

O subprograma para a mata atlântica receberá cerca de US\$ 1 milhão este ano, com chance de

chegar a cerca de US\$ 10 milhões de 2002 em diante.

O Vale do Ribeira é a região com maior concentração dessa floresta em São Paulo, mas também é uma das regiões mais pobres do Estado, o que a torna um alvo preferencial de projetos que combinem proteção ambiental e desenvolvimento socioeconômico.

## Palmito e banana

Os três pesquisadores —o francês Hervé Théry, da Escola Normal Superior de Paris, França, o britânico Anthony Hall, da London School of Economics, e o holandês Derk de Groot, do Ministério da Agricultura de seu país—, estiveram antes no Rio Grande do Sul, onde puderam constatar que a área de floresta aumentou, devido à redução do espaço reservado para a agricultura.

Ontem eles visitaram o quilombo de Ivaporunduva, uma comunidade de descendentes de escravos de 82 famílias e cerca de 300 pessoas que tem projetos de manejo sustentável de palmito. Além disso, desenvolvem um programa de melhoria no cultivo e na comercialização da banana.

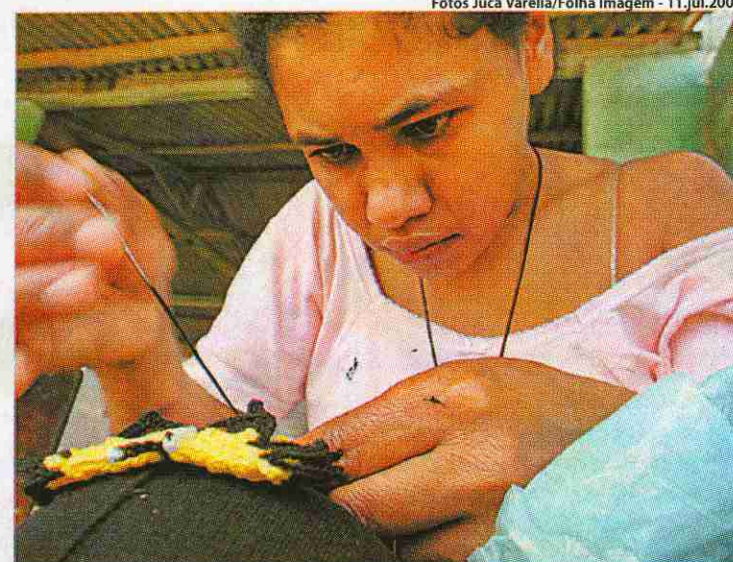
“O dinheiro internacional é bom para chamar a atenção de problemas, dar um empurrão inicial”, afirma Théry. “É como o provérbio chinês, não damos o peixe, ensinamos a pescar”, diz.

“Estamos há mais de 300 anos aqui, fazendo rodízio de culturas”, afirma Benedito Alves da Silva, tesoureiro da Associação Quilombo de Ivaporunduva.

“Vendemos a banana a R\$ 0,05 o quilograma. Temos de procurar melhorar o ganho com a banana”, acrescenta seu colega, José Rodrigues da Silva.

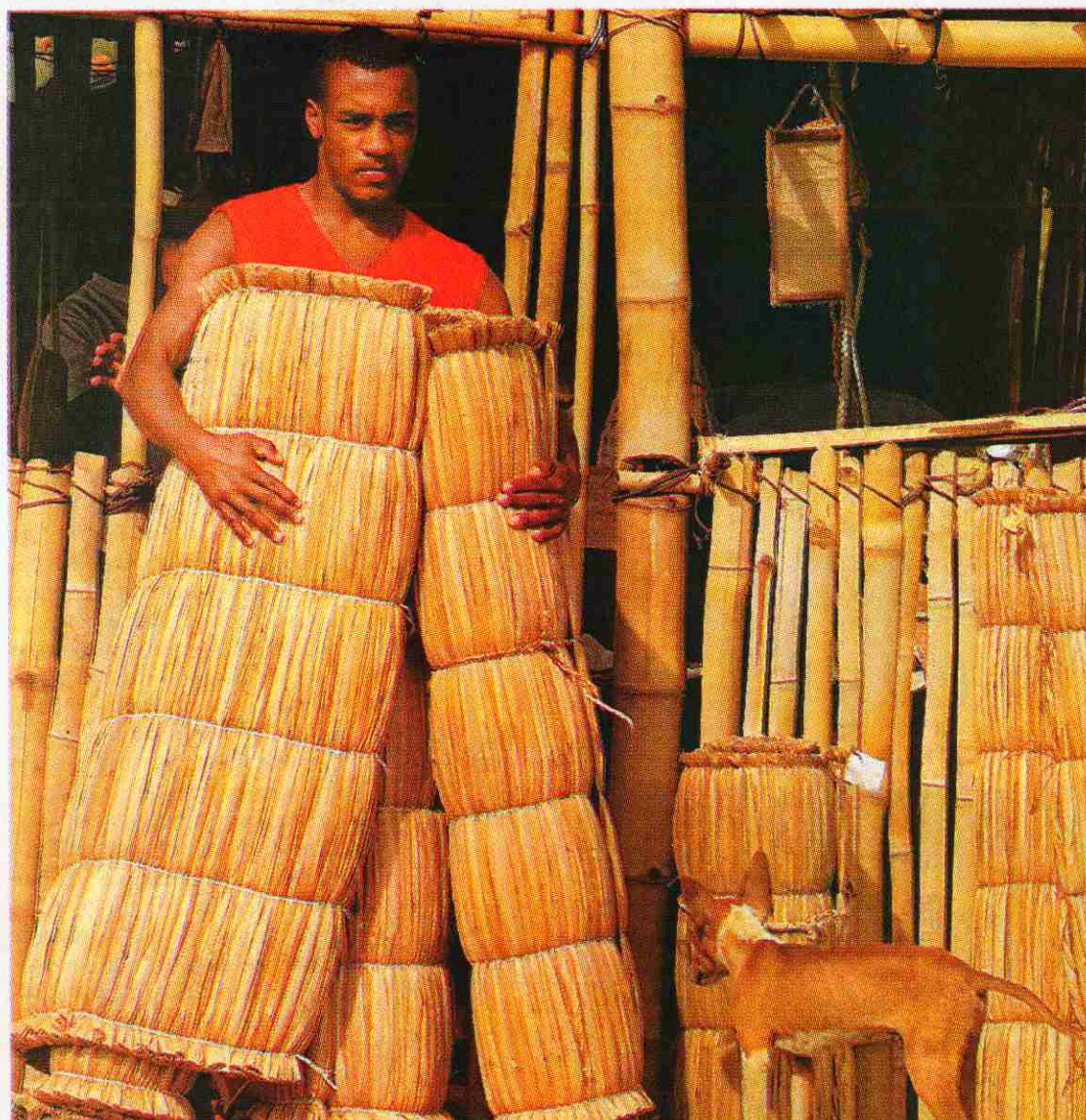
Dos 3.111 hectares do quilombo, mais de 80% são de mata nativa preservada, afirmam moradores.

O jornalista Ricardo Bonalume Neto viajou ao Vale do Ribeira a convite do Instituto Socioambiental.

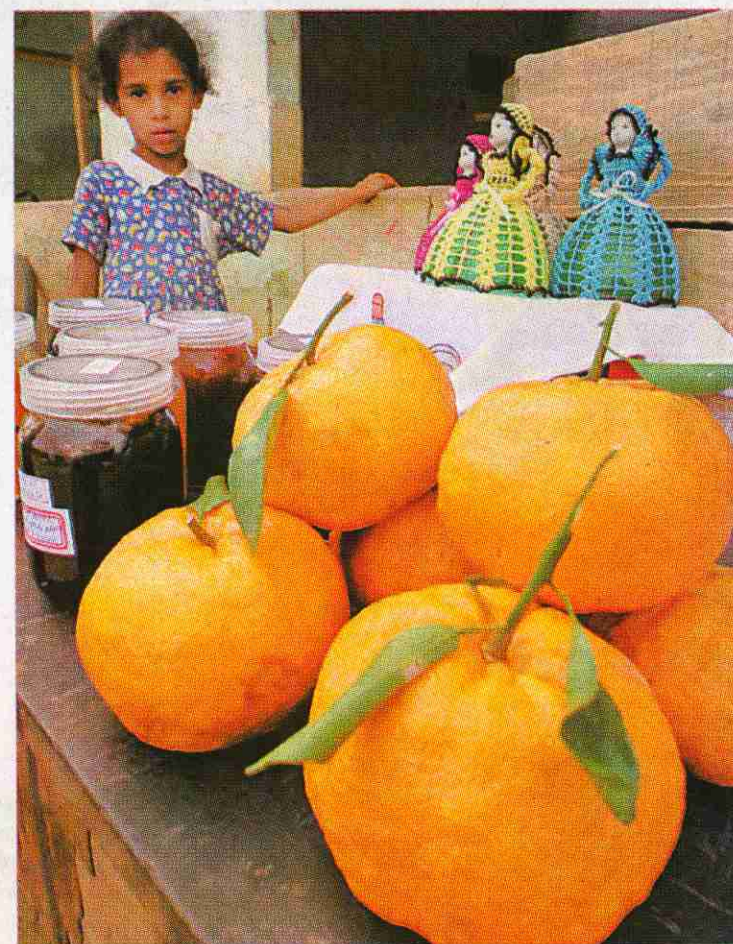


Fotos Juca Varella/Folha Imagem - 11.jul.2001

Rosemeire de Paula, 28, vive do artesanato que produz



Morador do quilombo de Ivaporunduva, no Vale do Ribeira, no sul do Estado de SP, vende esteiras



Produtos comercializados pelos membros da comunidade